

VISITA AO *MUSEU DE TUDO*, DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Profa. Mestre Rafaela Cardeal (rafacardeal@gmail.com)

Orientador: Prof. Dr. Eucanaã Ferraz

Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da UFRJ

Área de concentração: Literatura Brasileira

Data da defesa: 24 de Fevereiro de 2016

PALAVRAS-CHAVE: Poesia brasileira, Museu de tudo, João Cabral de Melo Neto.

Em 1975, João Cabral de Melo Neto publicava *Museu de tudo*, livro que esquematicamente divide a sua produção em dois grandes momentos: o primeiro, de *Pedra do Sono* (1942) até *A educação pela pedra* (1966); e o segundo, de *Museu de tudo* até *Sevilha Andando* (1989). O primeiro momento, exibido e encerrado na edição *Poesias completas* (1968), tem como fecho simbólico *A educação pela pedra*, considerado, pela crítica, o livro mais “arquitetônico”. Após um intervalo de nove anos, as lições extraídas da pedra não serão anuladas, mas em *Museu de tudo* se inaugura um novo momento, no qual emerge outro tipo de dicção que, até então, estava submarina ao cante “a palo seco”.

No prefácio da mais recente edição de *Museu de tudo*, Lêdo Ivo apresenta uma possível epígrafe para o livro: “I am what is around me”. Este verso de Wallace Stevens expõe a construção do perfil inconfundível de João Cabral a partir das coisas que compõe o universo do poeta. Além disso, o autor questiona legitimidade dos parâmetros racionais que são aplicados à poética cabralina:

A razão é o esconderijo predileto da sem-razão e até da loucura. A meus olhos, quem enxerga e festeja em João Cabral de Melo Neto o poeta do cultivo do deserto e do *pomar às avessas*, o aluno da pedra e o lúcido artífice da *forma severa do vazio* vê somente meio João Cabral. (IVO, 2009, p. 19)

Se uma metade de João Cabral é razão e lucidez, a outra seria feita de imaginação e loucura? Lêdo Ivo nos leva a crer que a razão cabralina camufla certo delírio do poeta, visto que a leitura racionalista apreende “apenas meio João Cabral”. Declarando isso no texto de apresentação, o autor nos sugere que nesse livro poderemos ver outro Cabral, uma vez que ali o lado reprimido que ameaça a criação racional, a presença do eu e o tom memorialístico compõe um lirismo mais explícito, mesmo que ainda reticente.

Tendo em vista tais questões, acreditamos que o próprio poeta, ao nomear o livro como *Museu de tudo*, aponta-nos uma importante via interpretativa que estabelece relações com aspectos fundamentais de sua poética. Assim, o estudo propõe uma nova perspectiva da obra, tomando como ponto de partida a apreciação crítica da metáfora do título. Como num *museu* – lugar onde se expõe uma seleção de testemunhos materiais e imateriais –, podemos observar a organização de uma espécie de inventário de toda a poesia cabralina, no qual os poemas, como peças autônomas, falam *de tudo* – temas, ideias fixas e influências –, o que nos permite ter uma ampla percepção do universo poético de João Cabral.

A dissertação foi dividida em quatro capítulos: o primeiro capítulo é dedicado ao olhar cabralino, percebendo a visão como sentido fundamental para o entendimento da poética de João Cabral. Para tal, investigaremos brevemente o olhar poético que se desenvolve na obra desde *Pedra do Sono* até *A educação pela pedra*. Com essa leitura retrospectiva, destacamos importantes imagens e propriedades que demonstram como o substrato visual se converte na obsessão de *dar a ver*.

O segundo capítulo explora as delimitações estruturais que compõem o desenho de arquiteto traçado por João Cabral em sua obra. À luz da influência de Le Corbusier, o poeta

planejava seus livros como um arquiteto, criando uma estrutura prévia que determinava os elementos de composição dos poemas. Mais do que um desenho inédito, *Museu de tudo* exhibe uma nova metodologia que se diferencia das experiências realizadas anteriormente, pois, segundo o próprio autor, esse livro não foi planejado ou projetado “arquiteticamente”.

O terceiro capítulo apresenta a análise dos poemas de *Museu de tudo*, fazendo uma visita ao livro-museu. Tendo em vista relação analógica entre o sistema poético e o pictórico, os poemas são entendidos como quadros. Além disso, a visualização desses poemas-quadros exhibe as propriedades visuais e estruturais da quadra, organização estrófica amplamente utilizada pelo poeta. Vendo com “olhos livres”, o material poético exposto nessa série de quadros, propõe-se investigar o sentido da expressão “de tudo” que qualifica esse museu.

O quarto capítulo incorpora conceitos e ideias externas ao campo literário a fim de oferecer um projeto arquitetônico e expográfico para *Museu de tudo*. Pensando a arquitetura do livro, encontramos no desenho do *Museu sem fim* ou *Museu do crescimento ilimitado* elaborado por Le Corbusier o mesmo mecanismo conceitual e estrutural do museu cabralino. A partir das reflexões sobre questões museológicas, apresentamos uma expografia composta por quatro linhas temáticas – “Poéticas”, “Retratos”, “Paisagens” e “Máquinas do tempo” – que ditam tanto os eixos da análise quanto da oficina poética de João Cabral.

As considerações finais, por último, chegam à conclusão de que o projeto empreendido pela poética cabralina continua em *Museu de tudo* delimitado pela “serventia das ideias fixas”. Ao contrário do que sugere o poema de abertura “O museu de tudo”, o livro, mesmo sendo “depósito do que aí está” (MELO NETO, 2008, p. 345), não expõe em seu acervo uma coletânea aleatória. Nesse volume é possível observar que João Cabral buscava

ser um “artista inconfessável”ⁱⁱ e, para isso, empreende o projeto de “fazer poesia com coisas” (Ibidem, p. 350). Mas, ao reunir as obras de um único autor, o museu reivindica uma assinatura e, assim, os poemas-quadros expostos no livro-museu acabam compondo involuntariamente um retrato imprevisto do poeta.

REFERÊNCIAS

IVO, Lêdo. “Os jardins enfurecidos”. In: MELO NETO, João Cabral de. *Museu de tudo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MELO NETO, João Cabral de. *Poesia completa e prosa*. Org. Antonio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

Recebido em 17 de Março de 2016
Aceite em 15 de Junho de 2016

Como citar este Resumo:

RAFAELA, Cardeal. Visita ao museu de tudo, de João Cabral de Melo Neto. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, Ano 15, n. 22, jan.-jan. 2016, p. 462-465. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num22/resumo/palimpsesto22resumo01.pdf>. Acesso em: dd mmm. aaaa. ISSN: 1809-3507.

ⁱ Subtítulo de *Uma faca só lâmina* (1950).

ⁱⁱ Referência ao título do poema “O artista inconfessável”, de *Museu de tudo*.